

OPINIÃO

COMO A COVID-19 PODE/ VAI TURBINAR O AGRO?

GUSTAVO DINIZ JUNQUEIRA
Secretário da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

NÃO EXISTEM ainda perspectivas conclusivas sobre a amplitude, a profundidade e a duração da pandemia do novo coronavírus. Nessas circunstâncias, muito raras nas gestões pública e empresarial e na vida privada, o primeiro passo deve ser avaliar as forças fundamentais que moldarão as tendências pós-crise. Ao desenhar o cenário, podemos agrupar e, posteriormente, interligar algumas plataformas de ação.

A primeira plataforma diz respeito à dimensão da pandemia. Esta tem a sua vertente sanitária e os impactos econômicos e sociais. Olhando para os segmentos principais que definem a dimensão do Produto Interno Bruto (PIB), podemos antever que o encolhimento geral da demanda atacará mais os setores da indústria, dos serviços e da construção. Parece que o agro, mais uma vez, sairá, em geral, como beneficiário da paralisação generalizada dos negócios.

A segunda linha de avaliação envolve o equilíbrio entre oferta e demanda tanto no nível internacional, quanto no doméstico. Nesse duplo ambiente, a produção rural apresenta tendências, ao mesmo tempo, aceleradoras e de retração. No contexto global, e focando nos mercados servidos por exportações brasileiras, notamos algumas tendências. A Europa entra no terceiro ano de seca, com diminuição nas principais produções de proteínas vegetais e animais. Os Estados Unidos, fortemente atacados em todas as frentes pelo vírus, já perderam uma parte significativa da sua produção de carnes devido a problemas sanitários nos frigoríficos. Com isso, chegamos à China – principal importador de grãos e carnes –, que, no cenário da oferta, tenta recuperar as perdas significativas na produção de carnes com a continuação da peste suína acompanhada pela gripe aviária.

Do lado da demanda, tanto da Ásia, como dos países árabes, a perspectiva continua tranquila. Nas duas regiões, o pior da pandemia parece ter passado, e suas indústrias e seus serviços encontram-se em franca recuperação. Com uma menor oferta interna e um aumento da demanda, cresce a necessidade de equilibrar os déficits entre as duas tendências. E, nessa combinação, ainda mais com o panorama negativo da capacidade de produção dos principais concorrentes, o Brasil pode contar com a continuação da tendência favorável para as suas exportações.

No ambiente interno, porém, temos um cenário menos promissor. Com o aumento do desemprego, reforçado por um comportamento mais conservador das classes médias, que repensam suas rotinas de consumo e cuidam melhor do fluxo de caixa, é bem provável que, durante um período de doze a 24 meses, a demanda diminua. Consequentemente, os produtores, bem como as indústrias de alimentos, devem focar mais na exportação.

É com esse panorama que o governo de São Paulo programa um evento de comunicação com o mundo: a Agro Expo International, que alinhará esforços e competências de empresas, entidades representativas, missões diplomáticas e instituições de pesquisa num acontecimento com forte integração entre comunicação virtual e encontros presenciais. O desafio da pandemia é previsível; cabe aos atores públicos e privados aproveitarem o momento para avançar uma integração entre produção e consumo e entre as empresas, as entidades nacionais e os parceiros estrangeiros. ■

"Parece que o agro, mais uma vez, sairá, em geral, como beneficiário da paralisação generalizada dos negócios."